

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – PUC - SP

JOÃO GONÇALVES NETO

A arte drag como forma de sublimação
Análise semiótica psicanalítica das personagens de RuPaul's Drag Race

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

São Paulo – SP
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – PUC - SP

JOÃO GONÇALVES NETO

A arte drag como forma de sublimação
Análise semiótica psicanalítica das personagens de RuPaul's Drag Race

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

Monografia de conclusão de curso apresentada à COGEAE – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura, sob orientação da Profa. Fani Hisgail

São Paulo – SP
2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Fani Hisgail, pelo seu apoio e atenção quando precisei, bem como à querida Cecília Branco, não só pela surpreendente presença em minha vida, como também por ter me presenteado, tempos atrás, um dos livros de Marcio Peter, que viria a ser utilizado neste trabalho.

Agradeço aos colegas de classe, sempre tão generosos, por compartilharmos durante dois anos as alegrias e as angústias referentes aos estudos e à vida.

Meu muito obrigado aos amigos Melina Harden, Priscila Pagliuso, Anderson Falcão, Fábio Polido, Diogo Dantas e Annelize Conti, por terem contribuído com o conteúdo desta monografia graças ao profundo conhecimento de *RuPaul's Drag Race*. Esse apoio foi indispensável para a conclusão desse projeto.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu marido, Alexandre Kiss, pela paciência e pelo suporte, não só durante o período de desenvolvimento do projeto, mas também em todos os momentos da nossa vida conjunta.

***Drag doesn't cover who you are, it
reveals who you are.***

RuPaul Andre Charles

A arte *drag* como forma de sublimação: Análise semiótica psicanalítica dos personagens de *RuPaul's Drag Race*

João Gonçalves Neto

RESUMO

Para aqueles que já assistiram pelo menos uma vez ao programa *RuPaul's Drag Race*, nota-se de imediato que todos os participantes do *reality show* são homossexuais. O que não é possível imediatamente compreender é o que muitos dos participantes da corrida para se tornar a próxima *drag queen superstar* enfrentaram na sua vida para chegar até ali.

Os homossexuais, em seu processo de aceitação da sexualidade, assim como a construção de sua personalidade, sofrem muita repressão da sociedade, seja pela escola, pela família, no trabalho, etc. Os *gays* afeminados sofrem ainda mais formas de discriminação, uma vez que as normas de gênero praticamente inferiorizam o homem que apresentar trejeitos e modos de se expressar femininos.

Durante as treze temporadas de *RuPaul's Drag Race*, o espectador acompanha as histórias de todas as *drag queens* participantes e é nítido como o sofrimento e as pulsões indesejadas possuem um papel protagonista no passado da grande maioria. Com tanta discriminação e repreensão, os mecanismos de defesa ocupam um lugar predominante na descoberta da personalidade no percurso de suas vidas. É durante esse caminho que a auto sabotagem parece ser a única forma de continuar, uma vez que a sociedade e, principalmente, a família, tende a humilhar o que, para o homossexual, é nada mais do que a aceitação do que é seu por direito: sua própria sexualidade.

É por este prisma que este projeto defende que através da sublimação, é possível que aquele que cria uma personagem *drag queen* se torne capaz de elaborar os próprios sentimentos e simbolizá-los, em forma de uma personagem com características próprias, narcísicas mas, principalmente, artísticas. Essas personagens, cada vez mais socialmente aceitas, trazem de volta, em forma de arte, todo o orgulho e satisfação que foram retirados daquele sujeito, considerando assim, o alívio da pulsão inicial.

Palavras-chave: *Drag queen*. Sublimação. Sexualidade. Narcisismo. *RuPaul's Drag Race*.

Drag art as a form of sublimation: Psychoanalytic semiotic analysis of the characters of RuPaul's Drag Race

João Gonçalves Neto

ABSTRACT

For those who have watched RuPaul's Drag Race at least once, it is immediately apparent that all participants in the reality show are homosexuals. What you can not immediately understand is what many of the participants on the race to become the next drag queen superstar have faced in their life to get where they arrived. Homosexuals, in their process of acceptance of sexuality, as well as the construction of their personality, suffer much repression of the society, by the school, by the family, at work, etc. The effeminate gays suffer even more forms of discrimination, since the norms of gender practically inferiorize the man who exhibits feminine expressions and ways of expressing themselves. During the thirteen seasons of RuPaul's Drag Race, the viewer follows the stories of all the drag participants and it is clear how the suffering and the unwanted drives have played a leading role in the past of the great majority. With so much discrimination and suppression, the defense mechanisms occupy a prominent place in the discovery of personality in the course of their lives. It is during this journey that self-sabotage seems to be the only way to continue, since society, and especially the family, tends to humiliate what, for the homosexual, is nothing more than the acceptance of what is his by right: their own sexuality. It is from this perspective that this project argues that through the sublimation, it is possible that the one who creates a drag character becomes able to elaborate the own feelings and to symbolize them, in the form of a personage with own characteristics, narcissistic but, mainly, artistic. These characters, more and more socially accepted, bring back, in art form, all the pride and satisfaction that were taken from that subject, thus considering the relief of the initial drive.

Keywords: Drag queen. Sexuality. Sublimation. Narcissism. RuPaul's Drag Race.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - A trajetória da arte <i>drag</i>	10
1.1 Diferença entre <i>drag queen</i> e travesti	10
1.2 Origem das <i>drag queens</i>	11
1.3 <i>Ru Paul's Drag Race</i> e a massificação da arte <i>drag</i>	15
1.4 As <i>drag queens</i> no Brasil atual.....	17
CAPÍTULO 2 - Fundamentação a partir dos conceitos da psicanálise	19
2.1 Arte <i>drag</i> como forma de sublimação.....	19
2.2 Conceituando o narcisismo na atualidade através das <i>drag queens</i>	21
2.3 A <i>drag queen</i> mascarada e o teatro da histeria.....	25
CAPÍTULO 3 - Análise das personagens de <i>RuPaul's Drag Race</i>	29
3.1 Análise dos perfis de <i>drag queens</i> mais comuns do programa	29
3.2 Análise aprofundada de quatro personagens do <i>reality show</i> segundo os conceitos elencados.....	40
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA.....	52

INTRODUÇÃO

A análise da criação de personagens *drag queens* e suas principais características exteriorizadas tem como proposta refletir sobre as raízes psíquicas e sentimentais que influenciaram muitos homossexuais a personificar uma mulher e transformar esse estilo de vida em arte e profissão. Para isso buscaremos se aprofundar no universo das *drag queens*: quem são elas, de onde vieram, os diferentes perfis, a história pessoal por trás de personalidades *drag* importantes, estudadas através de alguns conceitos psicanalíticos principalmente freudianos e lacanianos, os quais veremos melhor a seguir.

Esse projeto explora a relação do narcisismo com as *drag queens*, no caminho percorrido por esses sujeitos que encontraram na arte *drag* uma forma de se empoderar através dos diferentes tipos de estética, talento e personagem. É importante distinguir que os códigos narcísicos mudam de acordo com o perfil da *drag* interpretada, uma vez que são diferentes formas de personificação da mulher.

O primeiro capítulo buscará esclarecer a diferença entre *drag queen* e travesti, muito comumente confundidas, e também abordará a origem dessas personagens, desde quando mulheres ainda não eram permitidas a atuar e os homens interpretavam seus papéis no teatro. Com as constantes mudanças sociais do mundo e também do papel da mulher na sociedade, assim como o crescente acesso à informação com a popularização da internet, as *drag queens* hoje ocupam uma nova posição social, muito influenciada pelo americano RuPaul Andre Charles, que surgiu nos anos 90 como uma *drag queen superstar* e apresentou ao mundo na próxima década o reality show de sucesso *RuPaul's Drag Race*.

O segundo capítulo terá como foco uma análise da arte *drag* como resultado do processo de sublimação. Serão fundamentados conceitos da psicanálise como sublimação, narcisismo primário e secundário, estágio do espelho, a máscara e teatro da histeria. A escolha dos conceitos se dá através do papel exercido pela personagem *drag queen* na vida do sujeito, que tem como premissa a sublimação e o comportamento narcisista.

O terceiro e último capítulo do trabalho fará uma análise dos principais tipos de perfis de *drag queens* apresentados durante as treze temporadas do *reality show* de RuPaul. Para que seja mais inteligível, essa pesquisa trará uma leitura aprofundada de personagens consolidadas que, juntamente com momentos marcantes do seu passado, tornaram-se famosas com o *reality show RuPaul's Drag Race*.

Para concluir, o trabalho visa trazer uma reflexão de que a arte de uma *drag queen* é uma forma de sublimação, possui um valor cultural inestimável e cada vez mais está sendo socialmente aceita.

CAPÍTULO 1 - A trajetória da arte *drag*

1.1 Diferença entre *drag queen* e travesti

O termo travestismo foi estabelecido pelo médico alemão Magnus Hirschfeld em 1910 e remete aqueles que independentemente de suas inclinações sexuais, têm prazer em vestir roupas do sexo oposto. Hirschfeld diferenciava também o travestismo da homossexualidade. Ao longo do tempo o termo passou a ter um significado mais pejorativo até associar-se à marginalização e prostituição.

As *drag queens* e os travestis são muitas vezes categorizados de forma parecida em *crossdresser*, transformistas, ou ainda, homens que se vestem de mulher, mas ambos estão inseridos em meios sociais distintos. Embora sejam atores transformistas, as *drag queens* distinguem-se dos travestis por andarem, no seu dia a dia, vestidos de homens, exercendo também outras profissões que não estão ligadas ao transformismo durante o dia.

Acredito que o principal ponto que difere a *drag queen* de outros *crossdressers* é a associação ao trabalho artístico, pois há no mínimo a elaboração de uma personagem, e isso facilita sua inserção nos espaços sociais. A elaboração dessa personagem em um corpo feminino é expressa através da criatividade e das artes performáticas, como a dança, a dublagem, as artes cênicas, e a personificação em si.

O talento de uma *drag queen* pode ser realmente surpreendente, pois muitas vezes elas representam o "pacote completo", em que habilidades são exigidas até quando ainda não houve a personificação, principalmente tratando-se da estética singular de cada personagem. É o caso da costura de suas próprias roupas, a maquiagem que necessita combinar com o vestuário, e os outros detalhes da montagem, como as espumas que contornam os seios e os quadris, e as perucas que precisam estar perfeitamente encaixadas na cabeça.

Na constituição da personagem feminina, vários aspectos do sujeito são transformados, como o modo de andar, a postura, os gestos, a voz e a linguagem,

que são próprias da personagem e que a distinguem do sujeito. Existe um dialeto das *drag queens* que os sujeitos que as interpretam dificilmente utilizam se não estão personificando. Cada personagem possui seu próprio temperamento, suas próprias características, suas qualidades e seus defeitos.

Ainda que muitas *drag queens* constituem personagens com extremo perfeccionismo, o corpo do sujeito é único e inseparável, portanto é inegável que existam características físicas e psicológicas de ambos os gêneros. Segundo Guacira Lopes Louro (2001), doutora em Educação e professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é da crise da identidade homossexual que as personagens surgem. Apesar da identidade sexual parecer irremovível, esta identidade está a todo o momento sendo contestada.

A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. A identidade negada é constitutiva do sujeito [ao] fornecer-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade. (Louro, 2001, p. 549)

1.2 Origem das *drag queens*

O mundo das *drag queens* não tem origem datada, então considerando a arte *drag* meramente como homens vestidos de mulheres para se investigar a sua origem, pode-se dizer que foi uma necessidade cênica imposta pela sociedade e pela moral vigente. Na Grécia Antiga, conhecida como o berço do ator, somente homens podiam interpretar e com isso as personagens femininas eram vividas por homens vestidos como mulheres. *Drag* vem do verbo em inglês “*to drag*” que significa arrastar em português, referindo-se ao fato de que as longas roupas femininas arrastavam pelos palcos dos teatros. Logo, *drag* virou um termo associado a homens vestidos de mulher e o *queen* foi inserido apenas no século 20 pela comunidade *gay*. No entanto, é sabido que muito anterior ao teatro europeu, outras formas de dramaticidade já haviam existido em outras civilizações.

Por volta do ano 1100 d.C., a Igreja teve sua participação no processo da arte transformista, apostando em peças teatrais para controlar as manifestações populares da sociedade onde adolescentes interpretavam os papéis de jovens mulheres.

Já nos teatros do Oriente, diversos países também entregavam aos homens a representação de papéis femininos, seja com adereços para incrementar a feminilidade, como perucas, leques e máscaras, ou com gestos específicos e qualidade da leveza de movimentos. Porém, a cultura oriental que mais adotou o ator transformista para dentro dos palcos foi a japonesa com o *Kabuki*, arte conhecida pela estilização do drama e pela elaborada maquiagem utilizada pelos seus atores.

Por volta do século XVI, foi a vez de um dos maiores dramaturgos do teatro de todos os tempos, Shakespeare, dar os papéis femininos aos jovens adolescentes homens vestidos de mulher interpretarem – meninos entre dez e treze anos. Julieta, a eterna par de Romeu, é um dos exemplos que contou com atores travestidos.

Nos próximos dois séculos as mulheres passaram a conquistar cada vez mais o seu espaço nos palcos teatrais e vestir-se de mulher para interpretação passou a ser por motivo de humor, criando-se uma nova categoria de atores que especializaram-se nesse tipo de personagem.

Foi no século XIX que surgiu de fato a primeira *drag queen*, a Madam Pattrini, personagem criada pelo norte-americano Brigham Morris Young. Foi quando o termo *drag queen* se tornou específico, se referindo a qualquer homem que se vestisse de mulher.

Com o cenário mundial se transformando devido a diversos aspectos sociais, culturais e econômicos, o teatro que já não apresentava mais espaço para os homens que visavam um papel diferente daquele que externalizava a sátira, então as transformistas assumiram uma postura diferente, personificando as mulheres de forma diferente e empoderada nas ruas dos países europeus. Os primeiros nomes

que se tem notícia são Frederick Park e Ernest Boulton que expunham suas personagens Fanny e Stella nas ruas de Londres.



Figura 1 - Frederick Park e Ernest Boulton como Fanny e Stella¹

Na virada para o século XX, a arte *drag* virou um fenômeno artístico próprio no teatro de variedades. Um nome que se destaca é Julian Eltinge, que brilhou na Broadway como comediante, enquanto em Paris era Florin que conquistava seu espaço na cena *drag*.

Nos 40 ou 50 surge uma personagem chamada de dama pantomímica, que foi a única forma de *drag queen* existente durante esse período. Essa era uma forma artística respeitada na época, portanto era uma personagem que todo comediante acabava incorporando na sua atuação.

No final do século XVII o ator feminino havia se tornado uma figura cômica, uma criatura do burlesco e da paródia. Suas aparições no palco durante os próximos 150 anos ou mais eram ocasionais, mas pelos meados do reinado Vitoriano sua reabilitação estava em andamento e ele entrou no século XX com largo sorriso, as mãos na cintura, vestindo roupas estranhas parodiado a alta moda, um ninho de pássaro como peruca e uma maquiagem descontroladamente exagerada. [...] seu humor era robusto e terrenamente doméstico quando ele ganhou a confiança do público e compartilhou as provações da vida conjugal. Ele se tornou a dama pantomímica; amplamente

¹ https://en.wikipedia.org/wiki/Boulton_and_Park. Acesso em 18/07/2018

popular, habitada por todos os principais comediantes da época e críticos sérios de teatro lhes deram avaliações sérias (BAKER, 1994, p.161).

A partir dos anos 60, a disseminação da cultura pop permitiu que as *drag queens* ressurgissem nos clubes *gays* das principais metrópoles americanas e européias, sendo na grande maioria das vezes apresentações que remetiam aos ícones da moda, do cinema hollywoodiano e da música da época.

Foi a partir das décadas de 70 e 80 que as *drag queens* deixam de se apresentar apenas em bares e passam também a marcar presença no rádio, na televisão e no cinema, além de continuarem nos palcos. É na década de 80 que os "bailes" ficam famosos, principalmente em Nova York, onde inúmeras *drag queens* concorriam à prêmios e

Finalmente, é nos anos 90 que a arte *drag* passa a trilhar definitivamente o início do caminho que hoje alcançou. *Paris Is Burning* é um filme-documentário lançado em 1990, mas gravado em diferentes fases da década de 1980, que segue a comunidade LGBT (com foco nas *drag queens*) nos famosos "bailes" da época, na cidade de Nova Iorque.

Foi em 1994 que o filme *Priscilla, a rainha do deserto* teve o seu marco na linha do tempo dos travestis e das *drag queens*, ganhando seu espaço nas telas do cinema de todo o mundo. Ocupando um novo *status* na sociedade, as *drag queens* finalmente atingem a função de puro entretenimento, seja em *lip sync* (dublagem de músicas), *voguing* (dança moderna que imita movimentos de modelo), esquetes cômicas, interpretação ou música.

Atualmente, o constante aparecimento das *drag queens* nos meios de comunicação de massa tem ajudado amplamente para que elas saiam dos ambientes exclusivamente LGBT+ e ganhem espaço na mídia como uma arte reconhecida e valorizada, podendo também ser encarada como puro entretenimento.

1.3 Ru Paul's Drag Race e a massificação da arte drag

A disseminação da cultura *drag* chegou a seu auge com RuPaul, um negro americano que surge como a *drag queen superstar* com todos os atributos de uma celebridade bem sucedida.

RuPaul é um espetacular ato de auto-reinvenção e reivindicação *Drag*. Ele criou uma personagem – atrevida, forte, linda e negra – mas argumenta que sua performance é de um personificador feminino, alegando que ele não se parece com uma mulher, e sim com uma *Drag Queen*: ‘Eu não penso que eu poderia nunca me assemelhar com uma mulher. Elas não se vestem desta forma. Somente *Drag Queens* se vestem assim. [...] Tudo é *Drag*. Só que a minha é mais glamurosa’ (BAKER, 1994, p. 258).

RuPaul levou a arte das *drag queens* ao *mainstream* através de seus singles, como *Supermodel* que ficou em segundo lugar na Billboard, atrás somente de *I’m Every Woman* de Whitney Houston, e de trabalhos como modelo fotográfica e de passarela. No entanto, foi em 2009 que RuPaul estreou a primeira temporada do seu *reality show RuPaul’s Drag Race*, onde através de uma competição, um seleto grupo de *drag queens*, em sua grande maioria dos Estados Unidos, concorre pelo título da próxima *drag queen superstar* americana.



Figura 2 - RuPaul ²

² <http://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/24914/1/the-subversive-genius-of-rupaul>. Acesso em 27/07/2018

O programa é constituído de desafios onde as *drag queens* precisam mostrar suas habilidades artísticas, desde atuação até confecção de vestidos de alta costura. Existe uma exigência grande em relação à estética das personagens, principalmente com a maquiagem e roupas que as próprias *drag queens* costuram. Todo episódio inicia-se com um *mini challenge*, em que a vencedora ganha a imunidade para a segunda prova do episódio. No final de cada episódio, um júri, liderado por RuPaul, julga a performance de cada *drag queen* considerando os dois desafios, e no final as piores da semana precisam dublar uma música (chamado de *lypsinc*), onde apenas uma passará para o episódio seguinte. O júri possui uma pessoa fixa, Michelle Visage, amiga pessoal do RuPaul, e o restante é constituído por grandes celebridades do showbiz que têm marcado presença no programa através dos anos, como Marc Jacobs, Lady Gaga, Christina Aguilera, Ariana Grande, Courtney Love, Shania Twain, The B-52's, Kelly Osbourne, e muitos outros.

São quatro os principais atributos buscados por RuPaul nas *drag queens*: *Charisma, Uniqueness, Nerve and Talent*. Além disso, a hostess também possui alguns jargões que replica desde a primeira temporada, como "*If you can't love yourself, how the hell you're gonna love somebody else?*".

É através do penúltimo episódio de cada temporada, chamado de "*Reunited*", que pode-se conhecer ainda melhor cada personagem. Nesse episódio, RuPaul convida todas as participantes da temporada vigente, inclusive as já eliminadas, para voltarem ao programa e discutirem sobre os principais acontecimentos ocorridos durante as gravações, como discussões entre as participantes ou fatos importantes do passado de cada uma que vieram à tona.

RuPaul's Drag Race tem tido muita audiência em vários países do mundo, ajudando a popularizar e disseminar a cultura *gay* e a arte das *drag queens*. O programa tem aberto oportunidade e espaço para várias artistas poderem ser vistas e reconhecidas por seus trabalhos artísticos ímpares.

RuPaul é realmente um homem de negócios e tem expandido a arte *drag* além do programa. O *hostess* do *reality show* realiza anualmente uma feira de três

dias, intitulada de *RuPaul's DragCon*, que celebra a arte e a cultura *drag* na cidade de Nova York. RuPaul também lançou, há menos de dois anos, a *Wow Presents*, uma plataforma de *streaming* de vídeos que contém todos os episódios de todas as temporadas do *reality show*, assim como diversos outros programas, como documentários e seriados, focados na temática *gay* e *drag queen*.

1.4 As *drag queens* no Brasil atual

Foi através do grupo de performance Dzi Croquettes que a cultura das *drag queens* começou a aparecer no Brasil na década de 70 durante a ditadura no país. O grupo era formado por 11 artistas militantes da causa *gay* que enquadram-se num estilo de *drag* que hoje não é muito popular, chamado *beared queens*, que traz para a estética uma presença andrógina mas com elementos masculinos como barba e pernas peludas a mostra.

Na Televisão, a partir dos anos 80, a personagem cômica Vovó Mafalda ocupava as telas brasileiras apresentando um programa infantil, com transmissão pela emissora SBT. Nele, o ator Valentino Guzzo vestia-se de mulher e divertia o público infantil com piadas e brincadeiras entre um desenho e outro. Já no início da década de 90, foi a vez da personagem Vera Verão entrar para o quadro de funcionários do programa humorístico A Praça é Nossa, também transmitido pelo SBT, onde permaneceu por 10 anos.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, a partir da década de 90, os clubes *gays* incorporam nas suas noites as personagens das *drag queens*, muitas delas com presença fixa em determinados eventos das casas noturnas. Dentre elas, podemos citar Salete Campari, Silvetty Montila, Nany People e Dimmy Kier, que construíram suas carreiras personificando personagens cheias de humor e irreverência. Além dos clubes *gays* e casas noturnas, Salete Campari, Dimmy Kier e Léo Áquila, também marcaram presença das *drag queens* na política, com a candidatura a cargos políticos como vereadores e deputados.

Atualmente é possível dizer que as *drag queens* são tão populares que chegaram ao *mainstream*. Elas estão nos teatros, no cinema, em festas e com

grandes presença nas redes sociais, como é o caso de Lia Clark, Gloria Groove, e Pablló Vittar, que vem se tornando um fenômeno da música e da cultura pop. Em março de 2017, o perfil de Pablló Vittar passou RuPaul em número de seguidores no Instagram, que atualmente está com 7.2 milhões de fãs, contra apenas 2.2 milhões de RuPaul, a *drag queen superstar* que é conhecida como a mais famosa do mundo.

CAPÍTULO 2 - Fundamentação a partir dos conceitos da psicanálise

2.1 Arte *drag* como forma de sublimação

O termo sublimação tem três diferentes significados: alquímica (a transformação do vil metal em ouro puro), química (passagem do estado sólido para o estado gasoso sem passar pelo estado líquido) e moral (a purificação da alma). Para a psicanálise, a sublimação é uma das quatro vicissitudes da pulsão (recalque, transformação em seu contrário, retorno sobre a própria pessoa e sublimação), que segundo Lucia Santaella (2013), no livro *Semiótica Psicanalítica*, são "alterações sofridas pela pulsão nos caminhos que perfaz no aparelho psíquico". Ela aprofunda-se no conceito:

A sublimação se dá quando ocorre a satisfação, mas sob o preço do desvio do alvo da pulsão. Ou seja, há satisfação sem recalçamento, mas a pulsão não atinge o seu alvo. Não é casual Lacan (1979, p. 158) acrescentar que é "no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado" porque, na pulsão, a satisfação é paradoxal. O caminho do sujeito para a satisfação passa entre duas muralhas do impossível. Uma dessas muralhas é o real. Não o real concebido simplesmente como obstáculo ao princípio do prazer, obstáculo a ser transposto ou do qual se desvia para atingir a satisfação, mas real que "se distingue por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo que é justamente o impossível" (ibid., p. 159). A segunda muralha do impossível diz respeito ao último termo da pulsão (SANTAELLA, 2013, p. 95).

A dessexualização citada no texto acima refere-se ao fato de que, na sublimação, a libido se afasta do objeto sexual para outra espécie de satisfação. Esse desvio da energia libidinal tem como resultado realizações culturais ou realizações individuais úteis ao grupo social. Elizabeth Roudinesco (1998), em seu dicionário de psicanálise, também pontua essa desassociação da pulsão a uma carga sexual, e reforça a finalidade cultural desse destino da pulsão na sublimação.

Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não

tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. (ROUDINESCO, 1998, p. 734).

É importante desassociarmos a *drag queen* de identidade de gênero ou de uma forma artística relacionada com a questão sexual do sujeito. Por mais que a *drag queen* tenha um passado muito presente em ambientes de cultura gay e que ainda em sua maioria esmagadora seja personificada por homossexuais, a forma artística em si não se correlaciona diretamente com o conceito de identidade de gênero ou orientação sexual. Um exemplo disso é o conceito existente há pouco tempo chamado *faux queen*, em que mulheres, independente da orientação sexual, reproduzem as suas personagens como forma de arte.



Figura 3 À esquerda, Leticia Vitral, e à direita, sua personagem Vlada Vitrova³

Portanto, permite-se o entendimento de que *drag queen* não se trata da orientação sexual ou identidade de gênero do sujeito, mas sim o que esse indivíduo faz como expressão artística.

O fato do programa *RuPaul's Drag Race* ter o formato de *reality show* nos permite conhecer melhor cada participante, assim como o seu passado e sua história, principalmente em relação aos laços familiares. São muitas as *drag queens*

³ <https://catracalivre.com.br/cidadania/mulher-pode-ser-drag-sim-conheca-vlada-vitrova-e-as-riot-queens/>. Acesso em 27/07/2018

do programa que verbalizam durante os episódios como a falta de dinheiro e de ter bases familiares mais estruturadas facilitou a ocorrência de situações traumáticas durante suas infâncias. Abuso, estupro e abandono são apenas alguns exemplos de tragédias que ocorreram na vida das participantes do programa comandado por RuPaul. Roudinesco (1998) também aponta no seu dicionário como "os partidários de Anna Freud consideram esse mecanismo como uma defesa que leva à resolução dos conflitos infantis", referindo-se à sublimação.

Levando em consideração que para a sublimação ocorrer, é necessário que haja um recalque que a precede, importante entendermos que para Freud, o reprimido (ou recalado) constitui o componente central do inconsciente, afirmando que:

[...] um ato psíquico passa, em geral, por duas fases e [...] entre ambas há uma espécie de teste (censura). Na primeira fase, o ato psíquico se encontra em estado inconsciente e pertence ao sistema Ics [Inconsciente]; se no teste ele for rejeitado pela censura, a passagem para a segunda fase ser-lhe-á interdita; nesse caso, ele é designado na psicanálise como "recalado" e terá de permanecer inconsciente. (FREUD, 1915, p. 25)

Quando encaramos a arte *drag* como uma forma de expressão intelectual e de fato artística, podemos fazer uma leitura que através da sublimação de pulsões agressivas que grande parte das *drag queens* carrega do passado, chega-se a um objeto estético elevado, como por exemplo as maquiagens criadas que são altamente complexas ou as roupas de alta costura produzidas pelas próprias *drag queens*. Na corrida para tornar-se a próxima *drag queen superstar*, passam-se dias para que as participantes consigam concluir as suas confecções que serão apresentadas na passarela no dia da eliminação, assim como ensaiar para uma atuação cênica ou memorizar uma coreografia para uma apresentação musical. As provas do programa exigem que as *drag queens* sejam artistas multidisciplinares, sendo necessário apresentar um produto final que esteja à altura das concorrentes do programa, independente de qual talento a prova requer, para que assim seja garantida uma vaga no próximo episódio da disputa.

2.2 Conceituando o narcisismo na atualidade através das *drag queens*

O narcisismo foi fundamentado por Freud num primeiro momento a partir do estudo de casos de homossexualidade, mais especificamente a masculina. A escolha homossexual do objeto se daria no homem pela fixação seguido pela identificação com a mãe na infância.

O menino reprime seu amor pela mãe pondo-se ele mesmo no lugar dela, identificando-se com ela e tomando a sua própria pessoa como modelo a semelhança do qual escolhe seus novos objetos de amor. Assim se tornou homossexual; na realidade, tem deslizado para trás, até o autoerotismo, pois os homens a quem ama agora, já crescido, não são senão pessoas substitutas e novas versões de sua própria pessoa infantil, e os ama como a mãe o amou quando era criança. Dizemos que escolhe seus objetos de amor pela via do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega menciona, era um jovem a quem nada agradava mais do que sua imagem refletida no espelho, e assim foi transformado na bela flor de mesmo nome. (FREUD, 1910, p. 93.)

No estudo publicado sobre Leonardo da Vinci em 1910, Freud conclui que o caráter homossexual de Leonardo se deu somente na puberdade em função da fixação inconsciente na mãe, sendo que a maior parte da libido foi sublimada através da arte. É através dessa mesma lógica que as *drag queens* investem a sua libido na sua própria forma de expressão artística, que exige talentos diversos como poucas outras artes exigem.

O termo narcisismo surgiu pela primeira vez numa nota de Freud acrescentada em 1910 aos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Falando dos “invertidos” e, portanto, ainda não utilizando a palavra “homossexual”, Freud escreveu que eles “tomam a si mesmos como objetos sexuais” e, “partindo do narcisismo, procuram rapazes semelhantes à sua própria pessoa, a quem querem amar tal como sua mãe os amou”.

As *drag queens* do *reality show* de RuPaul são homossexuais que passaram por um processo de se olhar para dentro e idealizar uma personagem feminina que os representa. Essas personagens são extremamente complexas, com nomes próprios e características singulares. O narcisismo está presente de uma forma

intrínseca no processo de criação da personagem, assim como na personificação em si. O fato do programa ser uma competição deixa ainda mais evidente a preocupação com a estética e o perfeccionismo das participantes, onde o eu passa a ser o objeto erotizado e de satisfação.

Foi em 1914, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, que Freud introduziu formalmente o conceito narcisismo e atribuiu-o ao desenvolvimento sexual normal. As diferenças entre narcisismo e autoerotismo, são estudadas e explicadas fazendo-se referência aos conceitos, então introduzidos, de narcisismo primário e narcisismo secundário.

Os caminhos da escolha de objeto é o que difere os dois tipos de narcisismo. No narcisismo primário, que geralmente ocorre de seis a oito meses, o sujeito é impulsionado por uma necessidade de autopreservação, é um estado anobjetal em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo primário vai ao encontro das expectativas dos pais e da imagem que eles têm do bebê, que tem o objetivo de garantir a imortalidade do seu eu. Freud considera que o amor dos pais nada mais é do que o narcisismo dos pais renascido. Mas ainda assim muito importante por construir a autoimagem do sujeito – agindo como um auto-vestimento. Nas palavras do próprio Freud:

No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, 1914, p. 37)

Já no Narcisismo Secundário, a construção do sujeito vem ao lado do seu amor objetal, o indivíduo é movido pelos instintos sexuais. Nesse sentido, é quando os indivíduos direcionam o afeto de objeto de volta a si mesmos, um retorno para a libido do eu. O narcisismo secundário começa a dar sinais quando a criança começa a dizer "não" e passa a se posicionar como sujeito. Esse momento está relacionado com o outro e o ideal do eu.

Elizabeth Roudinesco (1998), em seu dicionário de psicanálise, traduz "o ideal do eu 'com que o eu se compara, ao qual ele aspira' e cuja 'reivindicação ele se esforça por satisfazer, através de um aperfeiçoamento cada vez maior'. Portanto, considerando que os pais possuem um importante papel de referência e admiração para a criança, podemos dizer que o ideal do eu teve suas raízes através do narcisismo primário. Roudinesco aprofunda a origem do termo ideal do eu, assim como do eu ideal:

Em seu seminário de 1953-1954, Os escritos técnicos de Freud, Jacques Lacan sustenta que Freud de fato designa duas funções diferentes. Lacan inscreve essa distinção em sua tópica: "O IchIdeal, o ideal do eu, é o outro como falante, o outro na medida em que mantém comigo uma relação simbólica, sublimada, a qual, em nosso manejo dinâmico, é ao mesmo tempo igual e diferente da libido imaginária." O eu ideal, formação essencialmente narcísica, constrói-se, segundo Lacan, na dinâmica do estágio do espelho. (ROUDINESCO, 1998, p. 363)

O conceito do Estádio do Espelho foi a primeira contribuição formal de Jacques Lacan, em 1936, à teoria psicanalítica e visa esclarecer um momento importante na constituição do sujeito humano, que ocorre entre seis e dezoito meses de vida, durante um momento psíquico, sendo proveniente das transformações ocorridas pela identificação do corpo com a sua própria imagem num espelho. Esse momento é de suma importância, segundo Lacan, para a constituição do eu ideal, que dá a possibilidade da passagem de bastão do narcisismo primário para o secundário através do seu recalçamento.

O Eu ideal corresponde a uma figura do narcisismo que preocupa-se com o julgamento do outro, portanto com a sua própria imagem. Pode-se dizer que é uma identificação inconsciente com aquilo que os pais queriam que os filhos fossem e depois a construção de uma imagem de si construída com base no outro. Já o Ideal do eu, remete a satisfação primária, ligada ao que o próprio sujeito gostaria de ser e à sensação de completude.

Levando em consideração que uma *drag queen* é um anseio do sujeito que foi por muito tempo desejado e, finalmente, foi conquistado, existe uma satisfação

muito grande do Ideal do eu. São através de características ligadas ao comportamento narcísico que nota-se como o sujeito sente-se mais confiante após a personificação da personagem. A *drag queen* geralmente tem uma personalidade mais expansiva que o sujeito, seja através da fala e dos trejeitos, ou da própria estética mais impositora.

Em um *reality show*, como no caso do *RuPaul's Drag Race*, o sujeito buscará uma reafirmação ainda maior em relação ao seu eu ideal, o que ocorrerá através da personagem personificada. É no final de cada episódio que o júri irá validar, ou não, a auto-estima de cada participante. Neste caso, a dependência do outro é definitiva e sem o outro, o sujeito não se constitui.

2.3 A *drag queen* mascarada e o teatro da histeria

Fazendo uma rápida introdução sobre a histeria, para que depois possamos de fato entrar no cerne da questão, pode-se dizer que ela é uma entidade diagnóstica da psicanálise que foi estudada principalmente por Charcot e Freud no final do século XIX, onde utilizava-se o método de hipnose para investigar os sintomas no corpo das pacientes histéricas que não possuíam nenhuma origem orgânica (como paralisias, mudez, espasmos, etc). Esses estudos, posteriormente, teriam uma vital importância para Freud na criação do conceito de inconsciente, atribuindo-se a relevância do trauma e de experiências sexuais infantis na histeria.

No livro *A interpretação dos sonhos* de 1899/1900, Freud refere-se ao sonho de uma das personagens do livro, a mulher do açougueiro, quando afirma "Ela é obrigada a criar em sua vida um desejo insatisfeito". É importante definirmos que o desejo pode ser lido como o anseio, aquilo que move a libido e depende de uma falta. Essa falta está intrínseca na histeria. Dessa forma, o desejo é por natureza histórico, sendo um deslocamento que sempre falta por definição. O sujeito é vivo e desejante, e a histeria garante que este sujeito sempre terá apenas uma satisfação parcial dos seus anseios.

Pode-se traçar um paralelo em que o desejo de toda *drag queen* de personificar uma mulher, segundo um viés histórico, é dependente de uma falta e

nunca a deixará satisfeita, visto que a personagem continuará sendo interpretada em *prol* de sua arte. Temos então uma identificação histórica, sendo o sujeito que se identifica com o objeto do outro (mulher).

Como vimos no capítulo anterior, é difícil apontar com exatidão a época e o local da origem das *drag queens*, mas sabe-se que os palcos teatrais da Grécia Antiga foram talvez primeiros motivadores para que os homens vestissem de mulher e colocassem suas primeiras perucas. Também foi através do teatro que Antonio Quinet (2005) aprofunda a psicanálise, articulando a histeria através dos textos originais de Jean-Martin Charcot e também da ficção, no livro *A Lição de Charcot*. A histeria permeia a peça presente no livro durante todas as interpretações cênicas e traz o inconsciente como o protagonista. Nas palavras do próprio Quinet:

"A peça mostra também, para além da patologia, a histeria como uma modalidade de laço social (cf. Lacan) e como meio de expressão artística (cf. Aragon, Breton). Em todas as manifestações, sempre o teatro... Eis por que o espaço cênico desta obra abrange a platéia, que é o público das lições e do sarau de Charcot. O sujeito histórico é ator de uma peça que desconhece, pois sua escrita é inconsciente. Mas a histeria também quer falar e ninguém pode impedi-la. Ao subir ao palco com o corpo, a histeria capta o olho e solta a voz; dá-se em espetáculo e grita, geme, vocifera, reza e canta. O que desponta em cena é a ópera da histeria, que revela o quanto a ópera é, por si mesma como expressão cênica, histórica." (QUINET, 2005, p. 16)

Aplicando um exercício com o texto acima, proponho substituímos a palavra "histeria" por "*drag queen*". Veja como a naturalidade da substituição das palavras ainda garante a semântica coesa do texto:

A peça mostra também, para além da patologia, a *drag queen* como uma modalidade de laço social e como meio de expressão artística. [...] Mas a *drag queen* também quer falar e ninguém pode impedi-la. Ao subir ao palco com o corpo, a *drag queen* capta o olho e solta a voz; dá-se em espetáculo e grita, geme, vocifera, reza e canta. O que desponta em cena é a ópera da *drag queen*, que revela o quanto a ópera é, por si mesma como expressão cênica, histórica.

Para uma melhor compreensão do texto, é importante destacarmos como a atuação é, se não a mais importante, uma das formas de expressão artística mais presentes na arte *drag*. O passado de cada sujeito, assim como o ambiente social, cultural e econômico em que se encontra, tem direta ligação com o perfil de *drag queen* adotado. A personalidade da personagem é desenvolvida atribuindo-se diversas características a ela, como o temperamento, o humor, a linguagem, a delicadeza, etc, e essas individualidades precisam ser reproduzidas de forma consistente durante todas as vezes que se personifica, garantindo ao teatro um destaque maior na identidade artística da *drag queen*.

Albert Quinet, ainda no livro *A Lição de Charcot*, questiona se "a encenação de um texto é sempre, de alguma forma, a encenação do inconsciente?" e aprofunda-se a respeito da histeria:

A histeria faz-se de dócil para subverter a ordem do mestre e jogar a ciência, que a exclui, em sua efetiva impotência. Histeria rima com rebeldia. A encenação histórica revela a rebelião própria e estrutural da histeria, que se recusa a deixar-se dominar. Se o senhor a pensa escrava, é ela quem reina. (QUINET, 2005, p. 16)

Quinet aponta neste texto como a histeria pode assumir uma característica amável, apesar de logo em seguida referir-se a mesma com rebeldia. Esse jogo de atuação esconde o que está por baixo desse sujeito, onde podemos fazer uma associação com o artigo "A feminilidade como máscara", publicado em 1929 por Joan Rivière, devido às grandes discussões sobre sexualidade feminina na época. O psicanalista Marcio Peter De Souza Leite (2013) incorpora essa vertente no seu livro *Deus é a Mulher*, e decorre sobre o assunto:

Na histeria, o desejo resulta enigmático e é enfatizada a insatisfação. A mascarada vela a falta, porém fica numa relação dialética com a identificação viril por meio da qual intenta mediar sua relação com o desejo do Outro. Na feminidade, ao contrário, o lugar do falo não está encarnado. Ela não é o falo e, ainda assim, conserva sua direção ao homem e tenta captar seu desejo pelo parecer ser. (LEITE, 2013, p. 169)

É curioso como a teoria da mascarada possui uma extrema adequação com a arte *drag* atual, visto que a feminilidade é 100% utilizada na personificação para ocultar a posse da masculinidade do sujeito. As *drag queens* muitas vezes são misteriosas e utilizam da manobra da feminilidade para construir um enigma em volta de sua personagem. Além disso, a frase "A máscara feminina é a ideia de cada mulher, de sua maneira de ser mulher" contida no livro de Marcio Peter tem, novamente, uma grande correspondência com a ideia da identidade ímpar de cada *drag queen*.

Talvez o que mais diferencie as mulheres das *drag queens* em relação a teoria da mascarada, além da obviedade da diferença de sexo, é a transparência do véu que as oculta. O véu utilizado pela personagem criada pelo homem não é transparente e despercebido, como no caso de uma mulher, mas ambas podem ter êxito no propósito de incorporar a sutileza no comportamento feminino.

Marcio Peter, no seu livro Deus é a Mulher, também traz a discussão do significante fálico à teoria da mascarada, quando diz que "a feminidade é assumida como uma máscara para dissimular uma posição fálica. Para dissimular que ela é o falo, ela coloca a máscara de que não é". Interpretando a frase anterior sobre a omissão fálica no sentido literal e considerando que o falo foi inicialmente interpretado como o pênis por Freud, pode-se dizer que as *drag queens* usufruem-se da mascarada a cada nova personificação. Isso porque, no momento de se transformar na personagem mulher, é necessário que o sujeito esconda o seu pênis nas suas roupas íntimas, fenômeno chamado de *tucking*, nos EUA, também referenciado como "aquendar a neca" na linguagem *gay*.

Pierre Kaufmann (1996), no seu Dicionário enciclopédico de psicanálise, engloba a vertente da mascarada no universo masculino, apontando que "a histeria define essa verdade freudiana de que não há sujeito senão mascarado - mascarada, dizia Joan Riviere, mas que não deve ser reservada à feminilidade".

CAPÍTULO 3 - Análise das personagens de *RuPaul's Drag Race*

3.1 Análise dos perfis de *drag queens* mais comuns do programa

Os sujeitos que personificam as *drag queens* são, na sua grande maioria, muito criativos e diferentes entre si. A pluralidade é algo presente e facilmente detectável para quem assiste o programa *RuPaul's Drag Race*, portanto colocar as personagens em categorias não é uma tarefa fácil, principalmente porque muitas vezes uma mesma personagem navega entre dois ou mais perfis. No entanto, analisando os principais talentos de cada indivíduo, o tipo de vestuário do seu personagem *drag* e a maquiagem desenvolvida a cada episódio, é possível categorizá-las em 9 perfis diferentes.

É possível elencar outros métodos para fazer a classificação dos perfis de *drag queens*, como critérios sociais, econômicos, raciais, habilidades e gostos específicos, tamanho do corpo, mas neste trabalho priorizamos as propostas estéticas e artísticas de cada personagem.

1. *Camp Queen*

Exemplos: Bianca Del Rio, Bob The Drag Queen, BenDeLaCreme, Tricy Mattel, Pandora Boxx, Thorgy Thor



Figura 4 - Tricy Mattel, participante da sétima temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁴

⁴ <https://www.pinterest.co.uk/pin/485122191105262580/>. Acesso em 27/07/2018

A *camp queen* possui uma fórmula para a sua personagem e sempre a aplica, fazendo a mesma maquiagem, utilizando sempre uma linha estética muito parecida em seus visuais, e sempre incorporando o sarcasmo em seu discurso ácido e humorístico. Apegam-se a determinadas características e personificam-as.

Esse tipo de *drag queen* também é preocupada com a estética, como todas as *drag queens*, mas o seu foco é em fazer as pessoas rirem, mesmo que seja às custas da humilhação dos outros a sua volta. É através do ar de superioridade que esse tipo de *drag* deixa claro o narcisismo que há dentro de si. Elas possuem propriedade no discurso e são muito inteligentes, portanto adoram a discussão por trazerem rapidamente argumentos para a conversa através do improviso.

Apesar desse perfil não possuir uma preocupação maior em transformar suas curvas masculinas em femininas, é através do exagero visual e da verborragia que este tipo de personagem chama e prende a atenção do público.

2. Broadway Queen

Exemplos: Jinkx Monsoon, Tammy Brown, Blair St. Clair, Robbie Turner



Figura 5 - Robbie Turner, participante da oitava temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁵

⁵ <https://www.out.com/entertainment/2018/4/29/robbie-turner-finally-speaks-out-whether-or-not-fatal-crash-happened>. Acesso em 27/07/2018

O tempo é um elemento muito importante na narrativa dessa *drag queen*, pois as suas referências possuem um papel protagonista na sua forma de expressão artística, uma vez que a principal inspiração das personagens criadas vem de filmes clássicos da Era de Ouro do Cinema Americano. A *drag* Robbie Turner comenta, no episódio *Reunited* da oitava temporada do *reality show*, que seus pais não a deixava ver filmes contemporâneos, motivo pelo qual ela apresenta um profundo conhecimento sobre a hollywood clássica durante o programa.

O narcisismo dessa *drag queen* tem uma raiz maior no perfeccionismo com a estética da época que suas personagens representam, assim como um foco na linguagem teatral. Os sujeitos que personificam esse perfil de *drag* possuem uma aptidão ímpar para a interpretação, dança e canto, e colocam um foco menor na questão da maquiagem e da transformação do corpo em curvas femininas. Os desafios musicais do *reality show* são geralmente os que as *Broadway Queens* têm mais êxito em relação às outras competidoras.

3. *Lovely Weirdos*

Exemplos: Katya, Sharon Needles, Alaska Thunderfuck



Figura 6 - Sharon Needles, vencedora da quinta temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁶

⁶ <http://www.joaoalberto.com/2015/06/30/vencedora-do-rupauls-drag-race-sharon-needles-se-apresenta-no-recife/>. Acesso em 27/07/2018

As *drag queens* que representam a categoria *Lovely Weirdos* não se encaixam no padrão normativo da arte *drag* e geralmente tentam se destacar pelo esquisito. O universo *drag* é composto por diversos códigos proprietários, como o comportamento feminino, o uso de perucas e a transformação das curvas masculinas, mas essa categoria de *drag* contesta essas regras impostas através da sua expressão artística. Por essa razão, podemos dizer que o conceito de "mascarada" de Joan Rivière não é aplicado nessa categoria, uma vez que a feminilidade é muitas vezes descartada na personificação.

Os sujeitos que enquadram-se nessa categoria buscam na grande maioria das vezes criar personagens marginalizados, drogados, prostituídos, ou realmente estranhos. Destacam-se entre esses personagens o ar de extraterrestre de Alaska, a cantora *punk rock* de Sharon Needles e a puta russa e bêbada de Katya, mesmo que o sujeito não seja da Rússia.

O narcisismo está focado na conquista de romper padrões. Esse perfil de *drag* possui uma predisposição a buscar modificações corporais através de cirurgias plásticas. Podemos dizer que muitas vezes essas *drag queens* são incompreendidas dentro do próprio universo e utilizam a sua arte como forma de contestação. Durante os episódios do *reality show RuPaul's Drag Race* é possível identificar como o *bullying* fez parte da infância e adolescência dos sujeitos que personificam esse perfil de *drag*. A vencedora da quarta temporada, Sharon Needles, dedicou a sua vitória aos *weirdos*.

4. Fem Queen

Exemplos: Courtney Act, Gia Gum



Figura 7 - Courtney Act, participante da sexta temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁷

Nessa categoria de *drag* existe uma supervalorização do feminino e da beleza normativa. Os sujeitos buscam, através das personagens, passar a ilusão de ser uma mulher, sem os excessos tão comumente encontrados nas *drag queens*. A preocupação maior é em criar as curvas femininas perfeitas que devem combinar com uma maquiagem natural, sem o exagero dos enchimentos corporais e das diversas cores presentes na maioria dos outros perfis.

Apesar de serem *drag queens* menos extravagantes, o narcisismo destaca-se nessa categoria através do perfeccionismo da beleza normativa feminina. Dentre todos os perfis de *drag*, este é com certeza o que mais utiliza da feminilidade como máscara, segundo a teoria de Joan Rivière.

No entanto, para muitos sujeitos que personificam uma *Fem Queen*, ser uma *drag queen* não é o suficiente, por isso os transgêneros são mais representados nesta categoria do que qualquer uma outra. O desejo de viver a vida no seu dia a dia como uma mulher comum se sobressai à expressão artística, e muitos sujeitos passam pelo processo de transição de gênero, onde o objetivo é adequar o sexo biológico ao mental. Pepper Mint, Monica Beverly Hills, Sonique e Carmem Carrera são exemplos de participantes do *reality show RuPaul's Drag Race* que fizeram a transição antes, durante ou depois de terem participado do programa.

⁷ <https://www.buzzfeed.com/caitlinjinks/21-razoes-pelas-quais-courtney-act-e-a-drag-queen>. Acesso em 27/07/2018

É importante ressaltar que as *drag queens* são as personagens criadas e personificadas pelo sujeito, e que este mesmo sujeito, após a interpretação, deseja voltar a viver como um homem.

5. Impersonated Queen

Exemplos: Chad Michaels, Derick Berrick, Venus Delight



Figura 8 - Chad Michaels, participante da quarta temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁸

Esse tipo de personagem afunila o escopo da arte *drag* a um repertório de apenas uma figura feminina específica, portanto não se trata de apenas transitar entre os dois gêneros, mas sim uma espécie de fixação a um único objeto - comportamento do narcisismo secundário.

Todas as características da pessoa homenageada são copiadas, como a forma que se comporta, seus movimentos e trejeitos, suas roupas, maquiagem, e até mesmo sua personalidade. Toda expressão artística dessa *drag queen* é voltada para reproduzir o ícone feminino escolhido.

⁸ http://rupaulsdragrace.wikia.com/wiki/Chad_Michaels. Acesso em 27/07/2018

Os sujeitos que compõem essa categoria de *drag* também abdicam muitas vezes das suas próprias características físicas, através de procedimentos cirúrgicos, para ficarem mais parecidos com a personalidade que escolheram para representar, como é o caso de Chad Michaels, da temporada 4 de *RuPaul's Drag Race*, que realizou mudanças no seu rosto com o intuito de obter traços da sua ídola, a cantora Cher. Outro exemplo desse perfil é a *drag queen* Venus D-Lite, participante da temporada 3 do *reality show*, que modifica a sua face assim que é eliminada no primeiro episódio da temporada, e volta para participar do último episódio já após a cirurgia que a deixou mais parecida ao ícone *pop* mundial, Madonna.

Após os desafios realizados pelos participantes do programa, nota-se como eles são cobradas artisticamente pelo júri em relação a ter uma personalidade *drag* por trás do ídolo que personifica. Existe um questionamento sobre qual seria o seu tipo de *drag queen* caso não existisse a personificação do objeto. É levantada a questão do oportunismo na elaboração da personagem, por tratar-se de um lugar de conforto, uma vez que já existe uma semelhança física entre o sujeito e o ícone personificado, além de um limite de criatividade.

6. Artsy Queen

Exemplos: Sasha Velour, Milk, Kim Chi, Dusty Ray Bottoms



Figura 9 - Dusty Ray Bottoms, participante da décima temporada de *RuPaul's Drag Race* ⁹

⁹ <http://www.vh1.com/video-clips/h5j50x/rupauls-drag-race-makeup-tutorial-with-dusty-ray-bottoms>. Acesso em 27/07/2018

A pluralidade entre as *Artsy Queens* faz com que essa seja uma categoria muito heterogênea, uma vez que a expressão artística de cada sujeito é o guia principal desse tipo de personagem, que transcende a questão do gênero e supervaloriza a questão da arte. Elas são muito ligadas às artes plásticas e utilizam dos símbolos dos movimentos vanguardistas para comporem seus personagens abstratos.

Nesse perfil de *drag*, o gênero feminino fica subentendido, pois mais do que personificar uma mulher, o sujeito posiciona o seu personagem como uma obra de arte, através de uma extrema dedicação aos detalhes no conjunto de diversos elementos, como maquiagem, vestuário, movimentos e interpretação.

Enquanto a maioria das *drag queens* possui uma grande preocupação em modelar as curvas do seu corpo para o padrão feminino, as *Artsy Queens* questionam esse modelo, assim como utilizam menos códigos consagrados do padrão *drag*. Para elas, o seu visual pode ser composto por diferentes tipos de elementos, como formas geométricas ou irregulares, utilização de uma única cor para todo o vestuário, ou até mesmo características masculinas, como bigode e barba. No entanto, independente de qual for a aposta do sujeito para se destacar entre as participantes do *reality show*, tudo é feito com perfeccionismo.

O narcisismo nessa *drag queen* destaca-se pela preocupação de como o atual personagem está apresentando sua intelectualidade, uma vez que existe uma tentativa de elevar a arte *drag* por não parecer tão óbvia. No entanto, apesar da narrativa desses personagens estar extremamente ligada à estética, outros talentos parecem ser mais desafiadores para elas. Como é o caso de Kim Chi, participante da temporada oito, que tem uma deficiência de fala e recebeu muitas críticas à respeito da consciência corporal. Outro exemplo é Sasha Velour, que ganhou a nona temporada de RuPaul's Drag Race, mesmo tendo pouca aptidão para o canto e a dança.

7. High Fashion Queen

Exemplos: Violet Chachki, Naomi Smalls, Raja, Aquaria, Miss Fame



Figura 10 - Aquaria, vencedora da décima temporada de *RuPaul's Drag Race* ¹⁰

Essa categoria de *drag queen* possui os dois pés nas passarelas de moda, literalmente. Sua criatividade é exteriorizada através dos figurinos *high fashion* produzidos e não existe um esforço no desenvolvimento de uma personagem com características únicas e mais complexas. Por este motivo, geralmente as personagens criadas pelos sujeitos apresentam uma carência de elementos tão comuns na arte *drag*, como a interpretação e o exagero na estética.

Todas as *drag queens* que estão nessa categoria encaixam-se dentro do padrão normativo de modelo (muito magras e com poucas curvas). Não há sinais de que isso seja um sacrifício para elas, na verdade o seu comportamento narcisista é de posicionar esse padrão como uma dádiva.

Durante o programa *RuPaul's Drag Race*, nota-se que existe uma relação do sujeito como o estilista e da *drag queen* como a modelo. O sonho de toda *High Fashion Queen* é dominar as passarelas de moda do mundo todo como uma *Supermodel*, título da música de RuPaul que ficou em segundo lugar na Billboard em

¹⁰ <https://www.stareveal.info/aquaria-rupaul-drag-race/>. Acesso em 27/07/2018

1993. Um exemplo dessa conquista é a *drag queen* Violet Chachki, da oitava temporada do *reality show* de RuPaul, que já desfilou nas passarelas da *designer* de moda americana Betsey Johnson.

8. *Club Queen*

Exemplos: Vivacious, Nina Flowers



Figura 11 - Vivacious, participante da sexta temporada de *RuPaul's Drag Race* ¹¹

A origem do nome das *Club Queens* vem do *Club kids*, grupo de jovens personalidades que faziam parte do clube de dança de Nova York nos anos 80 e 90. Os membros do grupo eram conhecidos pelo comportamento extravagante e as fantasias ultrajantes que usavam no cenário *underground* da cidade, assim como a forte participação no ativismo social naquele época.

A *drag queen* dessa categoria viveu o início desse processo no final da década de 80, portanto ela possui um perfil mais politizado, principalmente tratando-se da atividade em prol dos marginalizados e dos direitos LGBT. Muitos dos sujeitos que ainda personificam essas *drag queens* foram presos no passado e passaram por momentos difíceis politicamente, e por esse motivo suas personagens possuem

¹¹ <https://www.advocate.com/arts-entertainment/television/2014/03/13/after-elimination-vivacious-rupauls-drag-race-season-6>. Acesso em 27/07/2018

o papel de embaixadoras do movimento de disseminação e aceitação da cultura *gay*, principalmente nos EUA.

A estética desse perfil de *drag* segue as referências dos anos 80 e 90, sempre acompanhada de muito exagero e diversas cores. A feminilidade também é presente como uma característica forte nas personagens. Essa categoria está sub representada no programa pois são poucas participantes que passaram pelo *reality show* que se enquadram nesse perfil.

9. *Pageant Queen*

Exemplos: Alexis Mateo, Coco Montrese, Phi Phi O'Hara, Roxxie Andrews



Figura 12 - Alexis Mateo, participante da terceira temporada de *RuPaul's Drag Race* ¹²

A *Pageant Queen* é, como o nome já diz, uma *drag queen* de concurso de beleza. Esta talvez seja categoria mais representada em *RuPaul's Drag Race*, pois por um bom tempo *drag queen* foi sinônimo de *Pageant Queen*. Os concursos de beleza são muito clássicos na história *drag* e antigamente o objetivo da grande maioria era simplesmente participar de um concurso.

¹² <https://pespontoempauta.com/2018/06/19/drag-queens-fashionistas/>. Acesso em 27/07/2018

Esse tipo de personagem representa a mulher que é moldada para os concursos, portanto seguindo os padrões de beleza feminino. O sujeito não busca personificar uma mulher com personalidade forte, mas sim perpetuar o padrão da mulher tradicional, sem grandes exageros na maquiagem e no comportamento.

Não há características vibrantes ou extremamente marcantes nesse perfil de *drag*, o seu visual é mais conservador comparado ao das outras categorias. Vestidos longos e tomara que caia são os visuais mais comumente usados, delimitando a cintura fina e deixando o quadril mais largo. A tiara e a faixa são os sinônimos de vitória para essa *drag queen*, que precisa estar sempre pronta para fazer um discurso de agradecimento.

Analisando todas as participantes durante as treze temporadas do *reality show*, nota-se que as *drag queens plus size*, classificadas em muitos lugares em uma nova categoria, enquadram-se na verdade como uma *Pageant Queen*. Eureka O'Hara, Darienne Lake e Ginger minj são exemplos dessas *big girl queens* que possuem em seu DNA os concursos de beleza. No mundo onde as formas femininas são tão determinantes, é mais difícil para essas participantes construir as curvas, porém mesmo com essa dificuldade e uma mobilidade reduzida em relação às concorrentes, as big girls dão um show de talento em todas as temporadas.

3.2 Análise aprofundada de quatro personagens do *reality show* segundo os conceitos elencados.

Como já dito anteriormente, o formato de *reality show*, com a sua premissa de ser um programa ao vivo, facilita a proximidade do telespectador com as personagens, assim como a exposição das *drag queens* em relação ao seus passados e suas famílias. Cinco participantes do programa foram escolhidas para serem analisadas segundo os conceitos elencados neste trabalho, devido ao fato de seus problemas estruturais e familiares serem externalizados constantemente durante os episódios, o que aparenta serem pulsões indesejadas e que são sublimadas através da arte *drag*.

Blair St. Clair

Nome: Andrew Bryson

Tipo de *drag*: *Broadway Queen*

Participou da décima temporada de RPDG



Figura 13 - Blair St. Clair ¹³

Blair St. Clair foi a primeira participante da décima temporada de *RuPaul's Drag Race* a ser comunicada publicamente, por ter sido presa durante as gravações do programa e antes do primeiro episódio ir ao ar. Andrew Bryson, o homem homossexual de 23 anos que personifica a personagem, estava sob ordem judicial devido a um caso de direção perigosa por dirigir embriagado, e saiu sem permissão do estado em que foi preso, Indiana, dirigindo-se para Los Angeles, onde fica os estúdios do *reality show*. Andrew está atualmente em um tratamento de álcool e é proibido de beber ou tomar qualquer medicamento, a menos que seja prescrito.

Durante uma avaliação do júri de uma prova do *reality show*, Blair St. Clair recebe críticas duras por não ter conseguido entregar o que o desafio exigia. A participante foi mal avaliada por não conseguir ser impositiva, por ser sempre delicada demais e faltar algo extravagante para se sobressair às concorrentes. É neste momento que Blair fica extremamente vulnerável e conta pela primeira vez no

¹³ http://rupaulsdragrace.wikia.com/wiki/Blair_St._Clair. Acesso em 27/07/2018

programa para todos presentes que a sua primeira experiência sexual na vida foi um estupro numa festa do colégio. Em seguida, ela comenta que para se afastar desses momentos difíceis aos quais ela se sente suja, ela sempre busca criar e interpretar coisas bonitas e leves, buscando a delicadeza com afinco para ajudar a superar. No final do episódio, a *drag queen* é obrigada a fazer um *lip sync* para tentar continuar na disputa, mas é eliminada do programa após a *performance*.

No final da temporada, Blair St. Clair volta para o episódio *Reunited*, onde todas as participantes discutem sobre os principais acontecimentos que estiveram envolvidas no programa. Neste episódio, Blair diz que foi mais fácil contar sobre o seu trauma para o mundo do que dizer para a mãe semanas após a sua eliminação. A *drag queen* também fala da sua dificuldade de dizer coisas sentimentais para pessoas próximas, pois sofreu muito com homofobia na sua infância. Ela complementa, dizendo que foi por isso que guardou por tanto tempo para si mesma, porque não queria nem mesmo admitir para si própria.

Cada sujeito possui um mecanismo de defesa, e no caso de Andrew Bryson, a forma como ele mascarava quaisquer emoções negativas como dor, ódio e frustração, era através do vício com álcool. No entanto, o participante do programa diz que só entendeu que era algo que não conseguia controlar após ter entrado para o *reality show*, pois precisou ficar um longo período sem álcool devido a grande exigência das gravações do programa. Além disso, Andrew afirma que nunca havia tido tanto contato recorrente em um curto período de tempo com a *drag queen* que personifica. Ele comenta no episódio de *Reunited* que acredita que toda dor e assombro que viveu na infância tem se transformado em amor e alegria após o programa, por ter identificado como a arte *drag* o mudou. E finaliza: está sóbrio desde então.

Andrew transforma todas as pulsões indesejadas em elementos delicados e ternos na sua personagem. O caminho desse sujeito poderia ter sido muito diferente, com uma possibilidade enorme de auto destruição. No entanto, uma das análises que podemos fazer, é que toda essa libido foi sublimada através da arte *drag*, e quanto mais o sujeito teve contato com essa expressão artística, mais essa pulsão encontrou uma saída socialmente aceita e não patológica.

Tyra Sanchez

Nome: James Ross IV

Tipo de *drag*: *Fem Queen*

Vencedora da segunda temporada de RPDG



Figura 14 - Tyra Sanchez ¹⁴

Tyra Sanchez comenta no episódio *Reunited* da sua temporada, que antes de entrar para o *reality show*, estava sem trabalho e nem sequer tinha uma casa própria para dormir, ocupando naquela época o chão da casa de uma amiga *drag queen*. Além de ser *gay* e negro, o seu passado dificultava o ingresso nos processos seletivos de emprego, pois já havia sido preso e tido problemas com drogas, ocorrências que tão pouco o ajudavam no processo judicial que participava para conseguir a custódia do seu filho, na época com cinco anos.

Tyra Sanchez teve um comportamento controverso na sua jornada no *reality show* de RuPaul, principalmente no início do programa. Diferente das outras personagens, ela não gostava de integração e preferia estar sempre sozinha do que na companhia das outras *drag queens*. Tyra se meteu em muitas brigas em diferentes episódios da temporada que participou e recebeu críticas severas das

¹⁴ <https://www.gaytimes.co.uk/culture/105251/drag-race-star-tyra-sanchezs-dragcon-threats-whats-happened-so-far/>. Acesso em 27/07/2018

outras concorrentes, como vaga preguiçosa, imatura, sem modos e até mesmo bebê de satã. Mas ela nunca foi de deixar passar os desaforos, reagia com muita agressividade a todo e qualquer insulto, apresentando uma mulher negra com um comportamento bastante agressivo como personagem. No entanto, o estilo impecável da participante e o *glamour old-school* de sua personagem faziam dela a favorita dos juízes. Tyra foi ganhando confiança aos poucos e deixou de ter um comportamento agressivo com as outras participantes. Pelo contrário, passou a ser elogiada pela grande mudança de comportamento que apresentava durante as gravações do *reality show*, até conquistar o título de *drag queen superstar* da segunda temporada do programa.

Em 2017, após sete anos do término da temporada de Tyra Sanchez, portanto após muitas outras *drag queens* já terem conquistado o mesmo título e retirado o holofote de Tyra, ela anunciou falsamente que Morgan McMichaels, outra participante da sua temporada, havia morrido. Em sua defesa, Tyra afirmou que McMichaels recusou-se a se apresentar com ela em um evento, o que fez Tyra perder a oportunidade de trabalho.

Tyra Sanchez também foi proibido de participar do evento "RuPaul's DragCon" de 2018 depois de supostamente fazer ameaças terroristas publicamente. Seu site oficial continha um cronômetro com a sigla "B.O.M.", mas nenhum ato de violência foi feito quando a contagem regressiva terminou.

Tyra fez recentemente uma carta pública endereçada para a RuPaul onde fala sobre a forma como a apresentadora aconselha participantes do seu programa a ignorar problemas reais da vida. Também comenta que após o *reality show*, RuPaul ignora as *drag queens* que já passaram pelo seu programa, principalmente as negras, e ainda diz que a base de fãs do programa, assim como várias pessoas que trabalham na produção, são racistas. Nessa mesma carta, Tyra comenta que passou por uma tentativa de suicídio.

Nota-se como a história e os obstáculos da jornada da vida de James Ross IV ainda hoje refletem-se em seu comportamento. Quando a *drag queen* estava no ápice do seu sucesso, sentindo que sua expressão artística era admirada e

reconhecida, sua personalidade era calma e equilibrada. James consegue sublimar as suas pulsões indesejadas através da arte *drag*, mas a falta de ter tido uma estrutura familiar ainda gera conflitos para ele. Na carta publicada para RuPaul, Tyra comenta que encontra-se novamente numa situação financeira nada favorável e que precisa novamente de ajuda.

Jinkx Monsoon

Nome: Jerick Hoffer

Tipo de *drag*: *Broadway Queen*

Vencedora da quinta temporada de RPDG



Figura 15 - Jinkx Monsoon ¹⁵

Jerick Hoffer, assim como os outros dois sujeitos analisados anteriormente, não teve uma infância fácil. A convivência com a família sempre foi um problema verbalizado por ele durante os episódios de *RuPaul's Drag Race*. A mãe de Jerick era alcoólatra e ele tinha uma relação bem complicada com o irmão. Como Jerick não suportava mais morar em sua casa devido aos conflitos familiares, ele vai morar com a sua avó, que foi quem comprou a primeira peruca da sua vida. Jerick comenta em um episódio do programa como sente-se mal e culpado por ter deixado o irmão mais novo com uma mulher que não estava pronta para ser mãe.

¹⁵ <https://www.billboard.com/articles/news/pride/8094367/jinkx-monsoon-interview-new-album-gender-nonbinary-steven-universe-role>. Acesso em 27/07/2018

Jerick Hoffer tem narcolepsia e a doença o obrigava a dormir em diversos momentos do programa, mesmo quando estava dando entrevistas. Esse foi um grande obstáculo para Jinkx Monsoon durante a sua temporada, pois os desafios possuíam pouco tempo de desenvolvimento e produção, e muitas vezes a doença ganhava da sua disposição e a fazia dormir em qualquer lugar, ficando com menos tempo do que as outras concorrentes para criar, produzir ou ensaiar.

Jinkx também tinha uma certa espiritualidade e crença que as outras participantes não exteriorizavam como ela. A personagem repetia sempre um mantra nos momentos mais difíceis do programa, falando baixinho para si mesma "*Water off a duck's back*".

Após vencer a quinta temporada do *reality show* de RuPaul, Jinkx Monsoon realiza o sonho de sua infância e cria o seu próprio espetáculo de teatro, um musical chamado *The Vaudevillians*, com referências do anos 40 e 50. Durante a peça, Jinkx Monsoon interpreta, canta e dança, tudo acompanhando com um toque perspicaz de humor.

Jinkx Monsoon é um exemplo de *drag queen* que conseguiu encontrar, através da arte, uma forma de "se sentir mais realizada como ser humano", palavras da própria personagem em um episódio do *reality show*. É através da sublimação que ela expressa artisticamente sua libido em forma de *drag*. Jerick comenta durante o programa que percebeu, após muito tempo do início da personificação, que a sua personagem, Jinkx Monsoon, era na verdade a sua mãe com 40 anos de idade.

Kim Chi

Nome: Sang-Young Shin

Tipo de *drag*: *Artsy Queen*

Finalista da oitava temporada de RPDG



Figura 16 - Kim Chi ¹⁶

Sang-Young Shin é da Coreia do Sul e estudou *design* gráfico na faculdade antes de trabalhar como diretor de arte e explorar escultura, *design* de moda e pintura. A mãe é descendente de coreano e é garçomete em um restaurante italiano, mas apesar de morar nos EUA, nunca tinha assistido o programa pois não estava aberta à cultura americana, segundo Kim Chi. Apesar da *drag queen* se mostrar muito preocupada e próxima da mãe com as suas declarações durante o programa, no último episódio da temporada, ela ainda não havia contado para sua mãe que personificava uma *drag queen* e acreditava que a mãe nunca iria saber.

Kim Chi é extremamente criativa, dedicada e engraçada. Sua *drag queen* traz muitas referências da cultura asiática, sendo o exagero um elemento sempre presente na sua obra. No entanto, a participante do *reality show* sempre recebeu críticas difíceis dos juízes referentes aos seus movimentos corporais, principalmente quando o desafio contemplava coreografia e dança.

"Gorda, feminina e asiática" é o nome da performance final de Kim Chi no último episódio da sua temporada. A participante do *reality show* declarou nesse episódio que o título da performance é uma referência a um comentário sobre estereótipos de namoro no mundo dos gays, referindo-se ao tipo de *bullying* que

¹⁶ <http://thathashtagshow.com/2018/07/anime-expo-2018-kim-chi-says-asia-oharas-drag-race-finale-performance-committed-a-cardinal-sin/>. Acesso em 27/07/2018

sofre, mesmo entre os homossexuais. Durante o programa, Kim Chi comenta que entrou virgem no *reality show*.

A participante também comentou em um dos episódios da sua temporada como sentia-se só, que não fazia parte de nada e que acreditava que não seria ninguém na vida, antes de começar a fazer *drag*. Após ter colocado a primeira peruca, sentiu que era aquilo que faltava pra ela. Kim Chi é uma das *drag queens* mais talentosas e perfeccionistas do programa, e suas maquiagens, que mais parecem pinturas, possuem um papel protagonista como um destino da sua pulsão na sublimação.

CONCLUSÃO

A partir da análise das *drag queens* do programa *RuPaul's Drag Race*, foi possível notar como a homossexualidade é apenas uma das grandes barreiras que o sujeito irá enfrentar na sua jornada de autoconhecimento, a qual a família irá desempenhar um papel crítico de interferência na sua estrutura psíquica.

Vários participantes do *reality show* mencionam, ao longo das dez temporadas, como a igreja esteve presente em suas infâncias e como isso afetou a relação deles com os seus pais, assim como a sua própria aceitação. A relação com as mães geralmente ganha destaque durante o programa, seja porque a matriarca é um porto seguro e a melhor amiga do participante do *reality show*, seja porque esse mesmo porto seguro nunca ouviu a verdade sobre o fato de seu filho ser uma *drag queen*.

A repressão, a humilhação e a vergonha, criam barreiras emocionais gigantes entre esses sujeitos e a sociedade. A falta de laços familiares mais estruturados abre caminho para muitos traumas que não são facilmente superados. Nascer negro, nascer *gay*, nascer em uma cultura conservadora, ser preso, não ter onde dormir, problemas com alcoolismo, vício em drogas, sofrer de maus tratos de espancamento e de fome, são alguns dos episódios da jornada de vários participantes do *reality show*.

O episódio *Reunited* da décima temporada do programa apresentado por RuPaul exibiu revelações importantes referentes aos tipos de perturbação vivenciadas pelas participantes. Yuhua Hamasaki comenta neste episódio que na China, seu país de origem, as *drag queens* são vistas como pessoas com problemas mentais, instáveis e loucas. Complementa dizendo que quando era criança, tinha medo de *drag*, até o dia que colocou uma peruca e finalmente se sentiu livre e salva. Dusty Ray Bottoms conta, no mesmo episódio, que assim que os pais dele descobriram que ele era *gay*, ele foi colocado em uma terapia de conversão e exorcizado no culto da igreja que os pais frequentavam. Até o apresentador, RuPaul, faz uma declaração afirmando que “pessoas brancas me julgam por ser negro,

peças negras me julgam por ser gay, peças gay me julgam por ser muito feminino”.

É a partir dessa fonte de dor e sofrimento que nasceu a arte *drag*. Esses sujeitos que dão vida às personagens poderiam estar sofrendo diversos tipos de sintomas mais severos, ou adicionando fatalidades às suas histórias, mas em vez disso conseguem, através da criatividade e de impulsos inconscientes que são integrados na sua personalidade, elevar a expressão artística a cada personificação, sendo sustentado por uma personagem única e autêntica, com nome e sobrenome. Essa forma de sublimação extrai sua força da pulsão sexual, mas esquiva-se dessa finalidade ao consagrar o seu destino com um valor cultural incomparável.

A arte *drag* sofreu diversas transformações ao longo do tempo e foi capaz de se adaptar em muitos aspectos, sendo a estética talvez o elemento que mais sofreu mutações. A beleza feminina normativa dos concursos de beleza que sempre predominou nas personagens, hoje é contestada através de perfis de *drag queens* que utilizam os mais diversos elementos artísticos para criar suas personagens únicas e altamente complexas. O conjunto de habilidades que hoje em dia é exigido de uma *drag queen* também materializa o grau de dificuldade que essa forma de arte atingiu, onde os participantes são obrigados a costurar o seu próprio vestuário, desfilarem na passarela, interpretar diversos personagens em diferentes contextos, cantar músicas que nunca ouviram antes, aprender coreografias inteiras em poucos dias, e tudo isso com um altíssimo grau de exigência na execução.

Vale ressaltar a inconveniência e os incômodos que os sujeitos encaram nessa forma de arte. O famoso *untucked*, sinônimo de esconder o pênis na roupa íntima feminina, causa um extremo desconforto durante as horas de personificação. A quantidade de maquiagem que os sujeitos utilizam para esconder as marcas masculinas do rosto prejudicam excessivamente a pele. As perucas são, na grande maioria das vezes, muito grandes e pesadas, machucando o corpo e a coluna. Além disso, optar por seguir com a arte *drag* pode isolar o sujeito socialmente, devido ao tabu que essa arte ainda representa para uma parcela da população, incluindo os homossexuais. São diversos participantes do *reality show* que reclamam da dificuldade de se relacionar intimamente com alguém.

No entanto, o corpo e a mente não têm limites para a arte *drag*. É através da combinação de ambos, com um toque especial de narcisismo, que uma *drag queen* atinge o brilhantismo. A arte *drag* deixou de ser *underground* e deixou de ser para poucos. O futuro dessa arte é promissor e temos exemplos atuais que estão provando isso, como é o caso do próprio RuPaul, e mais recentemente da *drag* brasileira Pablio Vittar. Esse tipo de expressão artística tem tudo para continuar a crescer e deve sim ser vista como uma forma de sublimação, se não a mais sincera delas.

BIBLIOGRAFIA

AMANAJÁS, Igor. **Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Revista Belas Artes, v. 1, p. 1-24, 2014. Disponível em:

<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf> (acesso 17/07/2018)

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas & OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer**. Estud. psicol. (Natal). 2004, vol.9, n.3, pp.471-478. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf> (acesso 17/07/2018)

BAKER, Roger. **Drag: a History of Female Impersonation in the Performing Arts**. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XI. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: **Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente: Obras Psicológicas de Sigmund Freud**, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: **Obras Completas**, v. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise, o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica In: **LACAN, Jacques. Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEITE, Marcio Peter Souza. **Deus é a Mulher**. Maria Cecilia de Souza Leite (org). São Paulo: IMF, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 2(9), 541-553, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANTAELLA, Lucia; HISGAIL, Fani. **Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura**. 1.a ed. São Paulo: Iluminuras, 2013